



Evento: XXIX Seminário de Iniciação Científica

CULTURA DO CANCELAMENTO: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA ¹

CANCEL CULTURE: A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE

Rian dos Santos Baldissera², Susana Bletsch³, Rafaeli Dallabrida⁴, Carolini Gomes Mascarello⁵, Taís Cervi⁶

¹ Trabalho da disciplina Modelos de Pesquisa em Psicologia

² Acadêmico do curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI. Email: rian.baldissera@sou.unijui.edu.br

³ Acadêmica do curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI. Email: susana.bletsch@sou.unijui.edu.br

⁴ Acadêmica do curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI. Email: rafaeli.dallabrida@sou.unijui.edu.br

⁵ Acadêmica do curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI. Email: carolini.mascarello@sou.unijui.edu.br

⁶ Psicóloga Mestre e Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana (UFSM), Professora do curso de Psicologia da UNIJUI. Email: tais.cervi@unijui.edu.br

RESUMO

A cultura do cancelamento tem tomado grandes proporções na sociedade virtual. Portanto, o objetivo deste estudo é analisá-la nas redes sociais sob uma perspectiva psicanalítica. A metodologia analítica é qualitativa de caráter exploratório. Os resultados indicam que na Internet os indivíduos formam massas virtuais, produto da admiração em comum por um indivíduo, denominado influenciador. Esse sentimento de admiração em massa provoca uma idealização desse indivíduo. Desse modo, o cancelamento ocorre quando o influenciador, agora idealizado, comete um erro. Ao mostrar uma face incompatível com a fantasia dos seus seguidores, esses o cancelam.

Palavras-chave: Cultura do Cancelamento. Psicanálise. Psicologia das Massas.

INTRODUÇÃO

Um fenômeno denominado “cultura do cancelamento” tem levantado discussões acerca do comportamento dos indivíduos nas redes sociais. Ele se assemelha a um linchamento virtual, com o objetivo de silenciar, algo ou alguém, por uma massa, perante um ato, uma fala ou um *post* que diverge da opinião dessa massa. Desse modo, a presente pesquisa objetiva apresentar os elementos da visão psicanalítica acerca desse comportamento.

METODOLOGIA

A presente escrita trata de uma pesquisa com abordagem qualitativa de caráter exploratório, baseada em recortes de materiais bibliográficos disponibilizados na plataforma Google Acadêmico e obras de autores considerados autoridades no assunto.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cultura do cancelamento é um fato histórico e antecede ao advento da internet (DUNKER, 2021). É fato que as minorias sempre foram canceladas, silenciadas. É inegável que a internet modificou demasiadamente as relações sociais, dando voz aos silenciados, mas não somente de maneira positiva. Conforme Vasconcelos (2020), o esperado era que a Internet melhorasse a comunicação entre os indivíduos, resultando em uma nova maneira de relacionar-se com o mundo. Porém, a suposição de que a conexão resultasse em união, foi atravessada por uma ascensão de “bolhas” de interesses convergentes, intensificadas pelos algoritmos, que entregam conteúdos limitados à preferência de cada usuário.

Para Dunker (2021), a cultura do cancelamento no Brasil é herdeira do muro erguido para tornar invisível aquele que é muito diferente. Na internet, sujeitos cancelados e marginalizados pela própria cultura, como negros, pobres, mulheres e comunidade LGBTQIA+, encontram o seu próprio condomínio (termo usado para designar os muros criados pela negação da insuportável convivência com subjetividades divergentes). Segundo Dunker (2021), Paulo Freire dizia que a educação não foi orientada para a liberdade, então tendemos a repetir o que nos foi ensinado culturalmente. Por essa razão, aquele que antes foi cancelado, passa a ser o cancelador.

Vasconcellos (2020), em sua dissertação sobre o ódio nas redes sociais, afirma que há ataques de ódio que são realizados para satisfação de um perverso desejo de eliminação do outro. Esses ataques encontram eco em outros sujeitos com o mesmo sentimento e desprezo, além do não reconhecimento do outro, que goza diferente, tem costumes diferentes, não se subordina e não se reprime da mesma maneira. Além disso, assevera que a mudança da manifestação de ódio para um contexto digital não exclui a possibilidade de um retorno à violência física similar aos contextos de grupos bárbaros. A forma de agredir, dentro do contexto virtual, é modificada, mas permanece o desejo de vingança e de destruição do outro quando o ódio é percebido pelo sujeito, ele vivencia fisicamente as sensações desse afeto, mesmo estando geograficamente longe do objeto odiado e sem sequer ter convivido com ele. Isso pode ser verificado com o cancelamento nas redes sociais que ultrapassam o limite virtual, chegando a causar sérios impactos na vida real da pessoa cancelada.



De acordo com Dunker (2021), não somente a internet, mas também o capitalismo, criaram a necessidade de capitalização da imagem, que exige do sujeito uma superexposição, na qual Paul Valéry define como profissões delirantes, as quais dependem totalmente do reconhecimento do outro. Assim, os sujeitos, por identificação, elegem alguém para os representar, para expressar por eles. Esse investimento (libidinal) presume fidelidade, congruência. O poder do influenciador fica submetido à massa digital que o criou. No momento em que acontece uma contrariedade narcísica, as idealizações se chocam com a realidade, dá-se o cancelamento. Como em Totem e Tabu, elege-se um pai, para depois o matá-lo e gozar da satisfação de ser moralmente superior, o que aplaca o sentimento de irrelevância, efeito colateral do narcisismo digital. Diferente da descrição em Totem e Tabu, porém, o indivíduo cancelador não experencia o sentimento de culpa de imediato, efeito remediado pela linha limítrofe de distância entre o cancelado e o cancelador.

Exemplo disso, é o episódio de Karol Conká, que participou de um reality show em 2021. Havia uma super identificação do público, com a mulher negra e forte. Porém, sua participação não foi coerente com a fantasia dos espectadores, os quais não aceitaram as suas contradições, que são tão comuns na subjetividade humana. E em decorrência disso, usaram as redes sociais para boicotar a carreira da cantora.

Para Dunker (2021), o cancelado é sempre um traidor, alguém a quem cria-se um laço, idealiza-se. O cancelamento é um sintoma, um ato que corrige a insuficiência da nossa fantasia. Coisificar o outro é torná-lo portador de tudo aquilo que não aceitamos em nós mesmos.

Freud (1920-1923), citando Le Bon (1895), afirma que os indivíduos, quando em massa, sentem e reagem a determinadas situações, diferentemente, se caso estivessem isolados. Isso é decorrente de que numa massa ocorre uma homogeneização na forma de expressar sentimentos, ações e pensamentos. Outro tópico, é que surgem características novas nesses indivíduos. Uma delas refere-se a um sentimento de poder de invencibilidade, sentido pelo indivíduo, o que seria ocasionado pelo grande número de integrantes da massa. Esse sentimento encorajaria o indivíduo a realizar ações que não faria se estivesse isolado. Da mesma forma, isentaria-se do sentimento de responsabilidade social, pois trata-se de uma massa anônima. Freud (1920-1923) afirma que esse é um tipo de massa efêmera, na qual une pessoas com interesse em comum por um curto período de tempo.



Freud (1920-1923) cita McDougall (1920) para dizer que a condição de formação de uma massa, a partir da junção dos membros, é que esses indivíduos tenham algo em comum, um interesse partilhado num objeto, uma orientação afetiva semelhante em determinada situação e, conseqüentemente, um certo grau de influenciar uns aos outros. Além disso, prossegue dizendo que o mais notável e importante fenômeno da formação da massa é o aumento da afetividade no indivíduo, e que em determinado momento a massa se coloca no lugar de toda a sociedade como a portadora da autoridade.

Freud (1920-1923) parte do pressuposto de que um simples agrupamento não constitui uma massa, enquanto não se estabelecerem laços libidinais entre seus integrantes. Uma massa pode ser formada tendo um líder ou não. O líder ou a ideia condutora da massa poderia tornar-se negativo, por assim dizer. O ódio a uma pessoa ou instituição determinada poderia ter efeito unificador e provocar ligações afetivas entre os sujeitos. Dessa maneira, compreende-se que a violência física ou moral, pode ser incitadora do ódio e caos em um agrupamento de pessoas, e por si só, reunir diversos indivíduos para um mesmo objetivo, que por associação, é negativo.

A descrição feita por Le Bon a respeito da massa efêmera pode ser relacionada com as massas virtuais, portadoras de uma consciência coletiva, que eleva o outro para reconhecer a si mesmo, e que, ao perder de vista o reconhecimento através do outro, apaga sua subjetividade, o que chamamos hoje costumeiramente de cultura do cancelamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que o ato de cancelamento é uma manifestação respeitável na não convivência com situações que possuem como fim, por exemplo, o ferimento de direitos humanos. Porém, sua razão é perdida no momento em que se torna sustentada pela instância egóica. Torna-se perigoso a partir do momento em que se torna um vício, e em consequência disso, ultrapassa barreiras do que é real, ao crer na fantasia de um mundo sem conflitos, limitando-nos a um muro onde não existe tolerância para com as diferenças.



Infere-se, portanto, que a psicologia das massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento e para um certo fim. Sendo assim, torna-se fácil a “manipulação” dos integrantes da massa para seguirem em direção a uma mesma ideia, e por conseguinte, atingirem um alvo. Porém, no mesmo momento em que essas pessoas se sentem incluídas em uma alma coletiva, deixam totalmente de lado suas opiniões subjetivas, podendo ainda acabar se frustrando por não conseguir mais ter a construção de sua própria identidade, para poder contornar sua situação, finalmente, de cancelado para cancelador.

REFERÊNCIAS

DUNKER, C. **Karol Conká e a cultura do cancelamento - Christian Dunker - falando n'isso 302**. Youtube, 09 de fev. 2021. Acesso em 10 de jun de 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZVyt5ZcRYa4>>.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. *In*: _____. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-113.

VASCONCELOS, D. F. **Ódio nas redes sociais e alguns traços de brasilidade: articulações teórico-culturais e psicanalíticas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Cultura) - Universidade de Brasília. Brasília, p.116. 2020.